
UTILIZAÇÕES PEDAGÓGICAS DE CONCEITOS GRAMATICAIIS EM OBRAS DE ZIRALDO

Ana Josil Sá Barreto Montenegro¹

Marília Câmara Veloso

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo:

Através de imagens, símbolos, gráficos e palavras, Ziraldo, em suas obras *O Menino Quadrado* e *Flicts*, transmite conceitos gramaticais essenciais de maneira simples, livre de acepções técnicas, por vezes perpassadas pelas gramáticas tradicionais. Este artigo mostrará como é possível fazer tal abordagem, aliando a criatividade do autor aos estudos de pesquisadores como Evanildo Bechara, Luiza Azuaga, Valter Kehdi, Maria Helena Moura Neves, Sônia Bibe-Luyten e Mônica Fontana. Ficou evidente a eficiência das lições de linguagem e compreensão na obra de Ziraldo.

Palavras-chave: Morfologia, Compreensão, Ziraldo

Abstract:

Through images, symbols, graphics and words, Ziraldo, in his works *O Menino Quadrado* and *Flicts*, conveys essential grammatical concepts in a simple way, free of the overly technical and laborious view transmitted by traditional grammar books. This article will show how it is possible to do such approach, associating the author's creativity to researchers Evanildo Bechara, Luiza Azuaga, Valter Kehdi, Maria Helena Moura Neves, Sônia Bibe-Luyten and Mônica Fontana. It was made clear how Ziraldo transmit efficient lessons about language and comprehension in his works.

Keywords: Morphology, Comprehension, Ziraldo.

Introdução

Alguns autores tendem a fazer distinção entre os livros com o propósito pedagógico e os que servem para a distração dos

¹ UFPE Ana Josil Sá Barreto Montenegro, Bolsista IC-CNPq.

pequenos leitores. Outros desejam mais, e em busca de fazer do ato da leitura uma mistura de diversão e aprendizagem, tiram proveito de todo o efeito que a linguagem pode provocar. Eles utilizam palavras e imagens de uma maneira que o receptor facilmente retém muitas informações, inclusive aquelas que as gramáticas normativas levam páginas para apresentar, e algumas vezes não obtêm o mesmo sucesso.

O professor deve atentar para essa idéia, tirar proveito de tudo que os livros infantis podem proporcionar. Com duas linhas, é possível dar a definição de palavra em uma historinha, sem que o aluno se sinta atropelado por um turbilhão de regras, e só depois disso partir para uma segunda fase, o estudo das teorias. O estudante provavelmente sentir-se-á mais seguro, pois tomou conhecimento do assunto com a prática. O aprender com o pretexto do prazer.

Considerando a importância de certas estruturas comumente utilizadas em obras da literatura infanto-juvenil brasileira, o presente trabalho trará uma análise morfológica de aspectos da língua portuguesa apresentados nas seguintes obras de Ziraldo: *O Menino Quadrado* e *Flicts*.

A princípio, são abordados os diversos conceitos de palavras, questão que gera divergências entre os estudiosos. Em seguida, o artigo apresenta o tema dos verbos; mais especificamente os verbos de elocução, aspectuais progressivos e as perífrases verbais. Conceitos que freqüentemente são encontrados em histórias infantis, como: expressões cristalizadas, onomatopéias e interjeições encadeiam a análise do trabalho. E, por último, encontra-se o exame do emprego dos pronomes, classe de palavra utilizada pelo autor com bastante criatividade, e a análise a respeito das abreviações, vistas com freqüência nas obras de Ziraldo.

1. No princípio era o verbo (João 1,1)

Já que, como Ziraldo mesmo disse na obra *O Menino Quadrado*, é a palavra que está no começo, em uma intertextualidade com a Bíblia (idem), o presente artigo, em seu desenvolvimento, partirá desse ponto.

“Palavra”. Parece até simples, à primeira vista, conceituá-la, é, porém, uma questão fácil apenas se for vista graficamente. Quando se resolve fazer uma análise profunda do assunto, em busca de todos os conceitos possíveis, tem-se um estudo mais extenso. Prova disso é o fato de um só teórico, Azuaga (1996), por exemplo, identificar cinco tipos de palavras. Aqui será visto apenas o ponto de vista gráfico, por ser este o provável direcionamento tomado por Ziraldo.

Há a seguinte passagem em *O Menino Quadrado*: “*Quatro palavras se juntaram... e disseram: “Nós somos as palavras”*” (ZIRALDO 2:22-23). No trecho o autor mostra, no próprio contexto, que “Nós somos as palavras” é um enunciado formado por quatro palavras, há quatro seguimentos e três espaços entre os mesmos. Fato semelhante pode ser visto quando o menino pergunta ao balão: “*Você é um balão de história em quadrinhos?*” (ZIRALDO 2:27) e o balão responde que para ter esse tipo de balão ele precisará de mais quatro palavras. Como seria? É só contar “balão de história em quadrinhos” e ver que há cinco palavras, quatro a mais do que, simplesmente “balão”. Para ter-se uma base teórica a respeito, utiliza-se uma definição de Margarida Basílio, no que se refere ao conceito de *palavra* “...qualquer seqüência que ocorra entre espaços e/ou sinais de pontuação” (BASÍLIO 1991:11). É também essa uma das noções do verbete *palavra*, encontradas nos dicionários Aurélio e Houaiss de língua portuguesa.

Aproveitando a deixa do espaço em branco, convém lembrar um outro momento do texto em que Ziraldo diz “... cada espaço uma nova informação” (ZIRALDO 2:25), onde o autor continua ilustrando a idéia que Luísa Azuaga sugere de “palavra ortográfica”, ainda que a autora diga que este não é um conceito que abranja qualquer unidade delimitada por espaços em branco. Azuaga menciona um composto (*alfinete-d’ama*) (AZUAGA 1996:219), com apóstrofes e hífen, e não espaços, mas que não perde o caráter de palavra. Há um reforço sobre esse último comentário mais adiante, quando surgir o assunto “expressões cristalizadas”.

Mas nem toda seqüência entre espaços pode ser considerada palavra. Margarida Basílio cita *sqwrn*, lembra que o termo

“palavra” apenas pode se aplicar aos seguimentos que realmente existem no português. E Ziraldo, mais uma vez entra aqui para dar um exemplo prático. Quando, em *O Menino Quadrado*, o personagem principal diz que quer voltar e enfrentar o tempo, “Etcétera” diz: “*voltar não dá! Imagina se as palavras resolvem, de repente, radna arap sárt!*” (ZIRALDO 2:28). E ainda, quando as outras palavras dizem “*Oãn ad ratlov!*” (ZIRALDO 1:28). Ao colocar as frases na ordem inversa, Ziraldo o fez com o intuito de ilustrar o que as palavras dizem, mas pode-se buscar uma segunda interpretação mais profunda, ainda relacionada ao conceito de palavras, ou, mais precisamente, ao que não pode ser considerado palavra: seqüências, entre espaços em branco, que não são possíveis na língua portuguesa, o caso do *sqwrn* citado por Basílio.

Aproveitando toda essa análise sobre “palavra”, convém recordar uma passagem do texto que não é parte de um estudo morfológico, mas merece ser lembrada, pela interessante maneira de tratar os significados das duas partes em que dividiu esse vocábulo. “*Pegue a palavra, lavra; pegue a palavra, pá!*” (ZIRALDO 2:23) e “*Assim: lavra e pá. A primeira é ouro, é pedra preciosa, é mina: lavra. A segunda é o instrumento, a ferramenta: pá*” (ZIRALDO 2:24). Pode-se perceber que Ziraldo trabalhou aqui uma das acepções para “lavra” que, segundo o dicionário Aurélio é: “*Terreno de mineração; lugar onde se extrai ouro ou diamante.*”, daí o fato dele dizer que é pedra preciosa; o segundo termo (pá), é o instrumento conhecido de todos; assim ele mostra o poder da palavra.

Neste trecho, falou-se de *verbo* com o sentido de palavra, unidade de qualquer classe gramatical. Vêem-se, a seguir, os verbos como classe de palavras específica e como aparecem na obra de Ziraldo.

2. Verbos

2.1 Verbos de elocução

Ao se tratar dos verbos de elocução, a fundamentação estará baseada em Maria Helena Moura Neves. O emprego destes

verbos foi mais encontrado em *Flicts*, uma vez que o conjunto da imagem com os verbos é que melhor traduz o significado intencionado por Ziraldo. Portanto, a análise na presente seção será apenas da obra *Flicts*.

Os verbos de elocução, de acordo com Moura Neves, são *“Verbos de dizer, ou verbos dicendi - que são os verbos de elocução propriamente ditos: são os verbos de ação cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz.”* (MOURA NEVES 2000:48) À gama destes verbos pertencem: dizer, falar e outros, que quando são empregados, nos transmitem uma idéia do modo no qual foi realizado o enunciado. Aqui podemos citar: gritar, berrar, exclamar, sussurrar ou avisar. E é neste caso que se vê o emprego dos verbos de elocução em *Flicts*; ao todo seis construções. Particularmente Ziraldo utiliza a expressão cristalizada *não há vagas* junto aos verbos de elocução *falar*, *sussurrar* e *berrar*, correspondentes, respectivamente às cores azul, branco e vermelho. De modo que o sentido desejado pelo autor, só se realiza quando o leitor está diante das figuras em azul, branco, vermelho, e pode correlacioná-las com as construções de verbos elocutivos e expressões cristalizadas. Semelhante uso pode ser notado, quando Ziraldo lança mão da figura de um semáforo e une a ela as orações *não, avisa o vermelho / espera, diz o amarelo / vai embora, lhe manda o verde*.

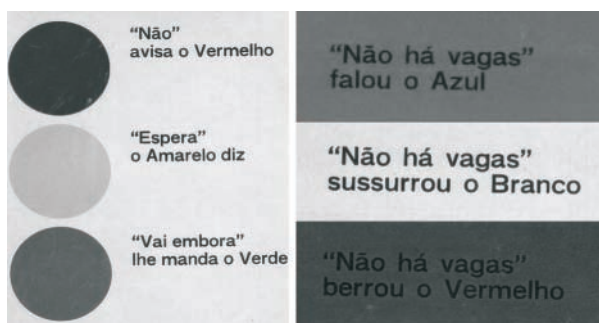


Fig. página 35

Fig. página 25

Uma excelente maneira de utilizar o aspecto visual para educar crianças e incutir nelas noções básicas de trânsito e segurança no tráfego. Há também a hipótese de que o autor

utilizou certos pesos semânticos que as cores podem carregar; as imagens já dão a idéia do tom do que foi dito pelas cores personagens do livro.

2.2 Verbos aspectuais progressivos

12

Ainda na análise de estruturas verbais, encontram-se em *Flicts* os chamados verbos aspectuais progressivos. Ziraldo os emprega no momento em que o personagem principal desenvolve uma ação progressiva. São quatro construções verbais como estas: “*e foi subindo, subindo e foi ficando tão longe...*”, as estruturas transmitem a idéia de ação contínua. E é por isso mesmo que o autor utiliza esses verbos; deixa claro ao leitor a continuidade da ação que *Flicts* realiza, até que esta se desenvolva completamente: “*e foi ficando tão longe e foi subindo e sumindo e foi sumindo, sumindo, sumiu. Sumiu que o olhar mais agudo não podia adivinhar para onde tinha ido*”. (ZIRALDO 1:38-39)

Mas o que se entende gramaticalmente por verbos aspectuais progressivos? Retomando Maria Helena Moura Neves, vê-se que são estruturas chamadas de operadoras gramaticais, que não constituem predicado. São construídas através de locuções verbais que servem para indicar o desenvolvimento de uma ação e todos os aspectos que nela se envolvem. Aspectos estes que podem ser do início do evento, do término ou do desenvolvimento em si. É no desenvolvimento que estão as ações habituais e progressivas. Outro estudioso que trata de aspectos progressivos verbais é Evanildo Bechara. Em sua gramática (BECHARA 2001:217-218), o autor analisa essas construções segundo Eugênio Coseriu, que assinala o tempo e o aspecto na ação verbal. Ele determina a existência de fases nas ações verbais, que observam o momento do evento e o grau de seu desenvolvimento. Assim, consideram os autores, que a fase progressiva assinala a ação verbal em seu desenvolvimento, expresso pela perífrase do verbo *ir* adicionado ao gerúndio do outro verbo.

Na continuidade da ação progressiva analisada acima, notam-se outras estruturas verbais, denominadas verbos auxiliares de tempo por Moura Neves. Tais verbos são assim chamados porque se encontram na categoria de operadores gramaticais,

não constituintes de predicado e que se estabelecem através de perífrases; à semelhança dos verbos aspectuais também empregados na obra de Ziraldo. As locuções são formadas pelos verbos ter e haver e o particípio dos verbos principais, resultando em tempos compostos de passado.

2.3 Perífrases verbais

Narrando a história, Ziraldo continua: “*sumiu, que o olhar mais agudo não podia adivinhar para onde tinha ido, para onde tinha fugido, em que lugar se escondera o frágil e feio e aflito Flicts*” (ZIRALDO 1:39). Aqui, o autor emprega duas perífrases verbais auxiliares de tempo passado: *tinha ido* e *tinha fugido*, a fim de esclarecer o destino do personagem.

As perífrases dizem, com mais de uma palavra, informações que poderiam ser expostas com um único termo, algo que remete ao uso das expressões cristalizadas, unidades inseparáveis, também formadas por mais de um termo.

3. Expressões cristalizadas

Na análise da obra *Flicts*, foram encontradas ao todo, quatro utilizações das expressões cristalizadas “*Não há vagas*” e “*era uma vez*”. Esta última também foi empregada no livro *O Menino Quadrado*, assim como a *lexia certa vez*. Segundo Valter Kehdi, expressões cristalizadas são aquelas caracterizadas por uma unidade lexical memorizada. Podem ser citados ainda, outros exemplos: *cartão-de-crédito* e *à flor da pele*. Para proporcionar a compreensão deste conceito, o autor utiliza o critério estabelecido pelo estudioso Bernard Pottier. De acordo com Pottier, para determinar o que seria uma *lexia* memorizada, devemos utilizar um teste chamado de não separabilidade dos elementos que a compõem. Utilizaremos o exemplo da expressão citada acima *cartão-de-crédito*; se decidirmos acrescentar qualquer palavra nesta *lexia*, o acréscimo deve ser feito antes ou depois dela. Por exemplo: o *novo cartão-de-crédito* ou o *cartão-de-crédito novo*. Uma construção do tipo *cartão-novo-de-crédito*, quebraria o sentido já memorizado da *lexia*, portanto se constitui

numa estrutura inaceitável.

Da mesma forma, entendemos o uso de “*era uma vez*”, feito por Ziraldo no início de ambas as obras, que tem em si o significado cristalizado de introdução de uma história qualquer. A expressão “*certa vez*” pode ser utilizada no início da história, mas no texto *O Menino Quadrado*, Ziraldo a emprega com o intuito de apresentar um acontecimento no decorrer da narrativa; a chegada da noite. Já a lexia “*não há vagas*” foi utilizada em conjunto com a imagem e os verbos de elocução, a fim de atingir a total apreensão da história.

Assim como as expressões cristalizadas, as onomatopéias, tema do próximo ponto, são também bastante frequentes em histórias infantis, principalmente nas que são desenvolvidas em quadrinhos.

4. Onomatopéias

A respeito de *O Menino Quadrado*, o autor utiliza elementos normalmente existentes em histórias em quadrinhos, as onomatopéias. Estes são termos imitativos, procuram reproduzir sons que existem no mundo, a exemplo de vozes de animais e ruídos de objetos. Provavelmente criadas pela incapacidade do ser humano de gerar todos os sons existentes na natureza.

Com a escrita, as onomatopéias ganharam uma forma gráfica, a mesma utilizada no caso dos quadrinhos, que além de trazerem o vocábulo, colocam-no em um formato que faz lembrar particularidades do som representado. É só ver no livro, o desenho do “*toeeennnggg*”, trêmulo, caracterizando o som de um sino. O mesmo acontece com o “*crash*” que reproduz o ruído de um objeto se quebrando, e aparece em um quadrinho preenchido por linhas não-contínuas, como se lá existissem pedaços de alguma substância sólida. O “*ziiip*” indicador de velocidade, aparece com listras que em imagens estáticas servem para sugerir movimento. Esses exemplos podem ser observados na sequência abaixo:



Figuras páginas 10 e 11

Ainda podem servir de ilustração, outros dois casos em que Ziraldo acresce um conteúdo diferente ao utilizar as onomatopéias. O autor dá uma idéia de regência, ao colocar, através da voz do personagem principal a diferença entre os atos de “bater a porta” e “bater na porta”.



Figura página 10

No inglês, há diversas palavras criadas a partir de onomatopéias, de *O Menino Quadrado*, podem ser citados os seguintes exemplos: “zap”, “crash”, “slam” e “gulp”. Dada a importância dos Estados Unidos para os quadrinhos, esses termos foram copiados e são utilizados em diversas línguas, daí o fato de não terem um significado tão forte para leitores estrangeiros não assíduos quanto têm para os de língua inglesa. É o que diz Bibe-Luyten: *“Estas e muitas outras onomatopéias, que já são dotadas de significado em inglês, quando são transportadas para outras línguas, ficam apenas com uma função de signos visuais, isto é, passam a ser convenção na linguagem das HQ”*. (BIBE-LUYTEN 1987:14)

Tanto Mattoso Câmara quanto Evanildo Bechara procuram fazer distinção entre onomatopéias e os vocábulos expressivos, já que os últimos não representam ruídos, e sim apresentam um caráter específico do que está sendo expresso. Mattoso Câmara cita “romper” e “ziriguidum” entre outros.

Há casos de reduplicação que indicam acontecimentos ininterruptos; repete-se o radical, e a sílaba repetida é chamada morfema reduplicativo, é o caso de *reco-reco*; pode ocorrer alternância vocálica: *tique-taque*.

As onomatopéias pertencem às classes gramaticais seguintes:

- Verbos → Os que indicam as vozes dos animais.
- Substantivos → Aqui entram alguns substantivos originados a partir de verbos que representam as vozes dos animais. Ex: latir > latido.
- Interjeições → No livro aparecem “bum!” e “zás-trás!”.

TABELA 1 – Onomatopéias da obra <i>O Menino Quadrado</i>	
“Zap”	Golpear alguém, bater em alguém
“crash”	Som feito por alguma coisa quebrando, ou por uma
“bum”	Explosão
“gulp”	Esgasgo

“toeeennngg”	Som de sino
“slam”	Bater forte alguma coisa
“toc”	Bater em alguma coisa
“wham”	Impacto repentino
“ziiip”	Mostra algo em velocidade

As interjeições, assunto desenvolvido a seguir, aparecem nas obras de Ziraldo não apenas como onomatopéias.

5. Interjeições

O *Menino Quadrado* traz algumas interjeições, que servem para manifestar emoções; elas, sozinhas, formam frases com sentido completo. Um uso recorrente no livro é o da expressão “oh!”, esta é de uso muito comum e pode se apresentar com diversos sentidos, basta que haja mudança no tom da voz. Ziraldo usou “oh!”, indicando espanto e também para nomear a própria palavra, mas ela pode vir exprimindo tristeza ou alegria, por exemplo. Algumas interjeições encontradas na obra: “socorro!”, “aaaiiii!”, “onde!”, “oh!”, “ué!”, “ei!”, “não!”, “claro!”.

Qualquer vocábulo, quando usado em tom exclamativo, pode passar a ser interjeição. Valter Kehdi diz: *“Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, aparentemente sem alteração formal; é o que se denomina (...) conversão”* (KEHDI 1997:29). E cita casos da passagem de substantivo, adjetivo e verbo à interjeição.

- Verbo - interjeição: *viva!*
- Substantivo - interjeição: *socorro!*
- Adjetivo - interjeição: *boa!*

Convém lembrar as locuções interjetivas: mais de uma palavra com o único valor gramatical de interjeição. Exemplo tirado da gramática de Evanildo Bechara é: *“ai de mim!”*.

6. Pronomes

Anteriormente, o artigo desenvolveu o conceito de verbo, tanto no sentido de “palavra”, unidade de qualquer classe gramatical, como de uma classe específica. Aqui será analisada uma outra classe de palavras: os pronomes.

Em *O Menino Quadrado*, é interessante a explicação usada pelo autor, no momento em que conceitua pronome: “O pronome é uma palavra que está no lugar do nome. Etcétera é mais: está no lugar de tudo. Eu sou um protudo” – falou Etcétera”(ZIRALDO 2:26). De fato, os pronomes são as palavras que se referem a um substantivo, localizando-o no discurso.

Segundo Evanildo Bechara, pronomes são palavras categoremáticas que se referem a um significado léxico, através de uma situação ou através de outras palavras do discurso. Aqui vale lembrar o que se entende por palavra categoremática, para que o conceito proposto por Bechara fique bem entendido. Categoremáticas são as palavras que apresentam formas sem substância e que, conforme o estudioso, têm em primeiro lugar um significado categorial e nenhuma referência extralingüística. Para ilustrar esta idéia, pode-se retomar a frase citada acima: “O pronome é uma palavra que está no lugar do nome” (ZIRALDO 2:26). Este *que* presente na estrutura é um pronome relativo que se refere à palavra *pronome* e a substitui. Portanto, Ziraldo explica e emprega os pronomes de forma genial, ensinando aos seus leitores conceitos gramaticais, comumente mal demonstrados aos jovens estudantes.

Com o exemplo da etcétera - *etc* -, primeiro parágrafo desta seção, surge mais um tema suscetível à análise, o das abreviações.

7. Abreviações

O outro aspecto apresentado no mesmo trecho utilizado no tópico anterior, diz respeito às abreviações. No instante analisado da história, nota-se o emprego da abreviatura *etc* no lugar de *etcétera*. No total da obra são percebidas dezesseis utilizações desta abreviatura. Segundo Aurélio Buarque de Holanda, a palavra

etcétera, é proveniente do latim, e quer dizer: “e as demais coisas”. É neste contexto que Ziraldo a emprega no seu livro; *etcétera* é tudo que ainda falta na vida do personagem. Isto acontece porque a história trata do momento de transição da infância para a juventude do personagem. E O Menino Quadrado, tendo a noção de que vivencia esta fase, torna-se amigo de Etcétera, por entender que ela representa o futuro de sua vida.

Abreviação, como processo gramatical, pode ser entendido pelo emprego de uma parte da palavra pela palavra inteira. Um exemplo bastante utilizado nas linguagens popular e culta é o emprego de *extra* por *extrafino* ou *extraordinário*. Valter Kehdi diz que, além de ser o emprego da parte pelo todo, a abreviatura não constitui uma nova classe de palavras, mas permanece na mesma classe gramatical da palavra que a originou. Por isso, o estudioso chama atenção de que, apesar das abreviações serem estudadas dentro de processo formadores de palavras, elas não constituem novas palavras.

Conclusão

Buscou-se demonstrar, através da análise de duas obras de Ziraldo, que há como ensinar gramática de forma criativa. É possível apresentar, com eficiência, certos conceitos, de um modo diferente daquele utilizado pelas gramáticas normativas.

A primeira análise trouxe o conceito de palavra, tomada na obra “O Menino Quadrado”, sob o ponto de vista gráfico, de segmentos separados por espaços ou pontuação.

Em seguida, foram investigados os usos de alguns verbos, começando pelos de elocução, frequentes em *Flicts*. Ziraldo empregou *verbos de elocução + imagens*, com a intenção de que juntos transmitissem certas idéias aos leitores. Na mesma obra, atentou-se para os verbos aspectuais progressivos, utilizados pelo autor para indicar o desenvolvimento de certas ações, este caso foi bem caracterizado, como já dito, pelo uso do gerúndio. Ainda em *Flicts*, foram encontradas as perífrases verbais, formações com mais de um termo, que juntos, expressam a idéia que poderia ser dita com apenas uma palavra.

Classe gramatical também analisada é a dos pronomes. E

aqui se pôde apelar para o próprio Ziraldo em uma das histórias: “O pronome é uma palavra que está no lugar do nome...”, é uma unidade sem significado próprio.

Terceira categoria estudada, a partir de “O Menino Quadrado”, é a das interjeições, termos que por si só tem um sentido completo. Foram vistos casos em que um único sintagma serviu para indicar sentimentos variados, a depender da situação. Para ilustrar, foi dado o exemplo da expressão “oh!”.

Em outra parte do artigo, tratou-se de termos produtivos em histórias infantis: expressões cristalizadas e onomatopéias. Aquelas são, como o nome diz, expressões que funcionam apenas quando juntas. É o caso do muito comum “Era uma vez...”. Já as onomatopéias são mais constantes em quadrinhos e procuram imitar sons existentes no mundo, com elas, Ziraldo utilizou o artifício da imagem para auxiliar na construção do sentido.

Por fim, falou-se de um outro aspecto ligado à formação de palavras, as abreviações, fragmentos de palavras que servem para representá-las por inteiro.

Dessa forma, percebemos as diversas utilizações de aspectos gramaticais e lingüísticos, nas obras de Ziraldo examinadas neste artigo, sob uma nova óptica, que consiste em introduzir conceitos gramaticais em um método diferente, reunindo diversão e conhecimento. O emprego de imagens, personagens de historinhas, onomatopéias, por exemplo, aliados às regras e normas de uma língua, suavizam a carga que muitas vezes incidem sob os códigos. Os preceitos deixam de ser encarados como obrigações e, sem perder a autoridade, revestem-se de seus significados numa roupagem lúdica, encantando todos os tipos de leitores. É mais uma lição que professores, educadores, ou estudiosos de língua devem aprender e tirar proveito em suas criações e atividades profissionais.

Referências Bibliográficas

AZUAGA, Luísa (1996). Morfologia. In: *Introdução à Lingüística*. Org. por Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia. Lisboa: Caminho. p.219.

- BASÍLIO, Margarida (1991). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.p11.
- BECHARA, Evanildo (2001). *Moderna Gramática Portuguesa*. ed. 37. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 217 e 218.
- BIBE-LUYTEN, Sonia M. (1987). *O que é história em quadrinhos*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense. p. 14.
- FONTANA, Mônica (1994). *O percurso do sentido nas histórias em quadrinhos*. In *Investigações*. Recife, 4:157-168.
- MOURA NEVES, Maria Helena (2000). *Gramática de usos do português*. p. 48. São Paulo: Unesp.
- SOUZA E SILVA; KOCH (1997). *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. Ed. 9. São Paulo: Cortez.
- ZIRALDO. *Flicts*. 35ª ed. São Paulo: Melhoramentos. (1)
- ZIRALDO. *O Menino Quadrado*. 14ª ed. São Paulo: Melhoramentos. (2)
- KEHDI,Valter (1997). *Formação de Palavras em Português*. 2.ed. São Paulo: Ática. p.29.